

REGATÕES

O DEVASSAMENTO e a conseqüente forma do povoamento na região amazônica não são apenas o resultado da audácia e do espírito de aventura dos conquistadores luso-brasileiros, nos séculos passados. São ainda um corolário da função antropogeográfica dos rios, numa região de floresta espessa, maciça, em muitos pontos impenetrável, porém sempre rica em árvores, das quais algumas, particularmente tiês, se tornaram símbolos econômicos e, ao mesmo tempo, fixaram os povoadores: a Seringueira, a Castanheira e o Cacaueiro.

Se a topografia da região e as grandes precipitações atmosféricas dotaram a bacia amazônica de uma rede fluvial complexa e extensíssima, embora não totalmente navegável com facilidade, as correntes úmidas, aéreas, vindas de leste, determinaram na superfície do solo, uma contra-corrente líquida, origem dos caminhos naturais de penetração, do mais alto valor social e econômico.

Os dois fatos essenciais que explicam, assim, a penetração linear do homem branco no vasto domínio da Hyloea, foram a rede fluvial e a floresta maciça, rica em valor econômico.

A maneira, porém, como aquele homem audaz e aventureiro realizou a penetração, somente poderia ser, como de fato foi, no início, principalmente, pela ubá, igara ou canoa, embarcação sem quilha manejada pelo canoeiro indígena, e a única — segundo o Comandante EUGÊNIO DE CASTRO — apropriada à missão do colonizador no sistema hidrográfico em que passava a viver.

Aperfeiçoando-a, o colonizador dela fez, na Região Norte, como do cavalo, na região pastoil, o instrumento de sua conquista, a sua "montaria" — não pelos caminhos de terra, mas "pelos caminhos que andam", os rios, pequenos ou grandes, igarapés e igapós.

No vale são-franciscano, vaqueiro e gado auxiliaram o europeu a implantar a colonização luso-brasileira; no vale amazônico, o indígena canoeiro e o mestiço, já habituado aos segredos da floresta, foram os elementos de que se valeram missionários e aventureiros, para catequizar, explorar e povoar uma região onde o domínio do europeu firmar-se-ia com a propagação da religião, do idioma e do comércio, êste, inicialmente, em forma primitiva.

Na Amazônia, a "montaria" teve e tem uma função antropogeográfica muitíssimo importante. E à sua missão histórica ligam-se não apenas o colonizador, o missionário e o bandeirante, porém, ainda, e mais recentemente, o regatão, tipo social e econômico cujosíssimo, surgido da adaptação da inteligência de especulação comercial a um meio físico, regido por variações sazonárias, a que sem dúvida obedecem a atividade econômica e os "gêneros de vida" típicos da região amazônica.

O escritor RAIMUNDO DE MORAIS, que conheceu como poucos a calha do grande rio-mar, focalizou em Na planície amazônica, o tipo clássico do regatão: "O bufarinheiro conhecido nas cidades por teque-teque chama-se, no interior, regatão; somente, em lugar de transportar nas costas — p. toresco Atlas da quinilharia — o mundo de miudezas, transporta-o no bôjo de uma galeota que desloca duas, três, quatro toneladas, dividida em secções de secos e molhados e tirada a remo de faia. A parte da pôpa, fechada em roda, onde mora o dono, possui uma portinhola abrindo para vante e outra para ré".

"Dentro, nesse compartimento riscado de prateleiras, encontram-se os artigos mais dispareos, que vão da agulha à espingarda, do fósforo à bala, do cigarro ao fogareiro, da sêda ao baralho de cartas, do alfinete ao barbante, do prego ao pó de arroz, do sabonete ao leque, da corda de viola ao mosquito, da requinta à corôa de defunto, do lenço ao cobertor, da chita à escova de dentes. O regatão vende ali, come ali, pilota ali, dorme ali. Foi nas amuadas de madeira pintadas de branco, azul, verde, amarelo, cinzento, lê-se em gordas letras o nome da galeota: — PRIMAVERA, CONSTANTINOPLA, BRASILEIRA, MONTE LÍBANO, ACREANA, VENCEDORA, SEMPREVIVA."

Já em 1866 escrevia TAVARES BASTOS: "Os regatões são os traficantes que levam em canoas, por todos os rios, lagoas, furos e lugares, mercadorias estrangeiras ou nacionais, e as vendem a dinheiro, ou as permutam pelos produtos do país. O comércio interior do Amazonas não se faz geralmente por intermédio da moeda, mas pela troca de objetos."

Atualmente é possível distinguir pelo menos três tipos de regatão: o pequeno, o médio e o grande. O pequeno é o tradicional mascate estabelecido em pequeno batelão, coberto de palha e tocado a remo. Vende em geral tudo o que se pode condenar: a cachaça (aguadente), as cartas de jogar, etc. De preferência se insinua pelos altos igarapés, longe das sedes dos seringais, nos pontos onde a navegação regular não consegue atingir. Furta

a borracha dos seringais e vicia os seringueiros. É o tipo clássico do espoliador, contra o qual já em 1865 se erguia em carta ao Sr. Ministro do Império, o Revmo Sr. D. ANTÔNIO, Bispo do Pará: "São os regatões negociantes de pequeno trato, que em canoas, penetram até os mais remotos sertões para negociarem com os índios. É difícil imaginar as extorsões e injustiças que a mor parte deles cometem, aproveitando-se da fraqueza ou ignorância desses infelizes. Vendem-lhes os mais somenos objetos por preços fabulosos, tomam-lhes à força ou à falsa-fé os gêneros; quando muito compram-nos a vil preço e muitas vezes embriagam os chefes das casas para mais facilmente deshonrar-lhes as famílias. Em fim não há imoralidade que não pratiquem esses cúpidos aventureiros."

A mesma deslealdade foi descrita pelo naturalista BATES, em *The Naturalist on the Amazon*, e os mesmos processos ainda se encontram em uso nos afastadíssimos rincões do Alto Xingú, segundo oralmente esclareceu e "in loco" veiculou, o Revmo Padre EURICO MARIA, da Ordem do Preciosíssimo Sangue, superior de uma missão religiosa e que há nove anos consecutivos vive na região.

O regatão médio usa uma pequena lancha a motor ou a vapor. Já é evoluído. Procura manter transações mais ou menos legais, comércio regular com os próprios seringalistas. Possui pequenos capitais e, assim, em sua minúscula lancha pode levar quase de um tudo. Presta serviços inegavelmente pois que podendo chegar a pontos não atingidos pela navegação regular e de maior calado, leva aos seringais mais afastados da civilização, um certo conforto material, concorrendo, assim, para maior e necessária aproximação espiritual. Não visa como os pequenos regatões, os seringais menores, totalmente desprotegidos, mas de preferência, os grandes, porque o seu comércio é lícito e de maior envergadura.

Os grandes regatões se estabelecem de preferência numa bôca de rio donde passam a irradiar o seu comércio. Dela fazem partir pequenas embarcações, depois de já haverem criado espécie de entrepostos mantidos com capitais próprios, ou com créditos e "aviamentos" feitos por "aviadores" de Manaus e Belém. Nas bôcas, constroem verdadeiros armazéns; suas embarcações atuais são lanchões, dois, três, às vezes cinco, rebocando batelões coalhados de mercadorias, ou cargas de "expedição" enviadas dos portos de Manaus ou de Belém.

Segundo o depoimento do Sr. MARCELINO VALENTE DE ALMEIDA, do Pará, corretor geral na Praça de Manaus, as lanchas de regatões já existiam há trinta anos, porém, tornaram-se mais freqüentes a partir da grande alta da borracha, em 1924, depois da crise porque passou aquele produto amazônico, no começo do século.

O tipo clássico do regatão parece, entretanto, vir do tempo do Marquês de POMBAL, tendo sido portugueses os primeiros regatões. Os hebraicos lhes sucederam e passaram a inaugurar uma era de especulação ainda mais ferrenha, a ponto de não raro provocarem reações coletivas, a "tiro e a terço", como escreveu MORAIS. O sírio e o turco apareceram posteriormente e dominaram por completo o "gênero" de negócio, figurando como fatores do triunfo, a sua valentia pessoal, a sobriedade, a economia, a resistência física e a frugalidade característica.

O regatão paga e sempre pagou impostos, aliás, bem elevados. Em 1866, TAVARES BASTOS defendeu a diminuição e mesmo a abolição completa dos impostos em geral, que incidiam sobre o comércio, inclusive sobre o dos regatões. "O que determinou esses impostos — escreve o antigo membro da Câmara dos Deputados — não foi somente o zelo da moralidade e a proteção aos tapuios, que na verdade são espoliados pelos pequenos comerciantes e pelos regatões. Estes fazem concorrência aos comerciantes estabelecidos nos povoados, que aliás não são geralmente mais moralizados; e como estes últimos são às vezes influências políticas, fácil é compreender que os seus clamores fôssem atendidos."

Da atuação do regatão na vida econômica e social da Amazônia, dá uma justa visão, em outro local desta REVISTA, o publicista amazonense ARAÚJO LIMA, que firma o artigo intitulado *A exploração amazônica*.

Nas condições atuais não é raro observar-se a intromissão de nordestinos naquela modalidade típica do comércio amazônico, tornando-se regatões. E a tendência é para se firmar definitivamente, em bases legais, e em perspectivas cada vez mais amplas, aquela espécie de negócios ambulantes, revestida, porém, das inovações que a experiência já indicou e das possibilidades de mais ampla navegação que a técnica de construção naval já encontrou para dominar uma região onde a penetração em larga escala só pode ser feita, e ainda por muito tempo, mediante o emprêgo de embarcações rápidas, seguras e cada vez mais adaptadas às condições dos rios a que se destinarem.

Mas o tipo do regatão — apesar da evolução por que ainda venha a passar — jamais desaparecerá, ao que parece, porque em verdade não passa de um tipo social surgido das contingências do meio.

